

Parcela de brasileiros na extrema pobreza cresceu na recessão

Segundo Banco Mundial, percentual da população chegou a 3,4% em 2015

DAIANE COSTA
daiane.costa@oglobo.com.br

Estudo do Banco Mundial, divulgado ontem, mostra que a parcela de brasileiros na extrema pobreza cresceu no primeiro ano da recessão econômica. Em 2015, 3,4% ou 6,9 milhões de brasileiros viviam com menos de US\$ 1,90 por dia —o equivalente a R\$ 4,10 à época. Um ano antes, esse percentual era de 2,8% da população.

O estudo também revela que a parcela de pessoas pobres —classificação que engloba toda a população que vive com menos de US\$ 5,50 ou cerca de R\$ 12

por dia (em valores da época) —cresceu de 17,9% para 20,6% durante a recessão (entre 2014 e 2016). Esse aumento, destacou o Banco Mundial, interrompeu uma década de redução da pobreza. A instituição destacou que essa alta veio acompanhada de um “notável salto na taxa de

desemprego” no período.

—O grosso do aumento da pobreza foi de 2014 para 2015, quando a renda caiu mais e houve uma reversão súbita dos indicadores. Entre 2016 e 2017, esperávamos alguma melhora, mas a pobreza aumentou um pouco, como mostrou a Pnad (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios, do IBGE) —observa Marcelo Neri, economista e diretor do FGV-Social.

“Uma grande contração da economia brasileira, em 2015 e 2016, interrompeu uma década de sustentada redução da pobreza”, ressaltou o Banco Mundial. Se-

gundo a instituição, entre 2003 e 2014, o país havia reduzido a porcentagem de pessoas vivendo na pobreza de 41,7% para 17,9%.

LEVE MELHORA É ESPERADA

Segundo Neri, os dados até meados deste ano mostram que deve haver uma leve melhora no percentual de pessoas vivendo em situação de pobreza no país, mas que nem de longe compensam as perdas dos anos de recessão:

—Voltamos aos níveis de pobreza de 2011 e 2012. É uma década perdida em termos de pobreza.

O Banco Mundial ressal-

tou que a pobreza está presente de forma desigual pelo país. Em 2016, menos de um quinto da população urbana vivia na pobreza, ou 17,6%. Já na zona rural, essa parcela era de mais de um terço, ou 38% das pessoas que vivem longe dos grandes centros urbanos.

Entre os estados também há grande desigualdade na distribuição dos pobres. Enquanto o Rio Grande do Sul era o estado com a menor parcela de pessoas vivendo com menos de US\$ 5,50 por dia, o Amapá era o maior, com 45% de seus moradores vivendo nestas condições.